



<http://www.bbc.co.uk/news/in-pictures-18591324>



<http://www.bbc.co.uk/news/in-pictures-18591324>

‘Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo’

As imagens acima reproduzidas são copiadas do **‘Day in pictures: 26 June 2012’** da BBC. Modelos masculinos percorrem o *catwalk* em Milão, Itália, vestidos de Armani. Um carpinteiro constrói um barco em Carachi, Paquistão. O mundo global que não nos cansamos de invocar tem nesta contraposição de duas ‘fotos do dia’ uma expressiva representação. Como a beleza é inesperada e vária, como o espectáculo do mundo é multiforme...

Dei com estas imagens e notícias depois de ler, com alguma surpresa e enorme perplexidade – ignorava em absoluto a existência de tal coisa na Europa contemporânea – um artigo jornalístico sobre as ‘baby boxes’ que parecem proliferar em alguns países europeus, sucedendo às rodas dos enjeitados dos conventos medievais¹.

¹ The 'baby box' returns to Europe, in <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-18585020> consultado em 26 de Junho de 2012.

Pus-me a pensar na discussão reproduzida na notícia: vantagens e desvantagens da existência dessa forma expedita de *abandono controlado* de recém-nascidos – mais comum em países do Leste e católicos, dizem (contrariada pelo número avultado das tais ‘boxes’ na Alemanha; ou talvez este país seja apenas mais bem organizado, coisa historicamente bem comprovada...). Alternativa ao lixo, à morte provável, à vergonha da maternidade ‘ilegítima’ (???) ; tentação de resolução fácil de ‘problemas indesejados’ por chulos ou outros homens insatisfeitos, sem consentimento materno, como alguns argumentam? Ninguém sabe quem deixa os infantes nas caixas da rejeição e acolhimento. Pode-se mudar de ideias e voltar atrás nos primeiros dias. Algumas Mães o fizeram.

Porque associo esta notícia ao carpinteiro de Carachi ou aos modelos de Armani e a Ricardo Reis? Simplesmente porque o desconcerto do mundo é também o seu extraordinário espectáculo e vice-versa.

Que mulher (ou homem) sabe, quando abandona uma criança na ‘caixa dos enjeitados’, se esta virá a ser hábil construtor de barcos ou sofisticado modelo de passerelle? Ou cientista, mendigo ou tirano? E se soubesse, acaso tomaria outra decisão? Ter um filho é também aceitar esta incerteza. Será saudável, belo, feliz, ou a mais miserável das criaturas?

As leis de alguns países estão a equiparar o depósito de recém-nascidos nas caixas a doação lícita para adopção, conservando a criminalização ancestral do abandono propriamente dito. Seria interessante saber se as taxas de aborto e infanticídio descem de forma significativa com esta possibilidade. Pode ser uma boa alternativa à civilização e cultura de abandono, indiferença e morte que parece instalar-se paulatinamente nos nossos moderníssimos países. A criminalização cega do aborto sempre me pareceu ilegítima e perversa. A sua banalização também. Não sei qual é a solução. Mas sei, ou julgo saber, que o egoísmo ou o eugenismo que nos levam a rejeitar tudo o que não é jovem, perfeito e belo, ou simplesmente apetecido, é um retrocesso civilizacional sinistro. Nós, os vivos, escapámos à selecção pré-natal, ao aborto, ao genocídio e outras actividades humanas de destruição. Se chegarmos a

velhos, talvez tenhamos a sorte de cuidados e companhia e de compaixão que faltam a tanta gente. Se o retrocesso do Estado Social nos deixar margem de recuo...

A discussão é muito difícil, porque no final das contas o peso de cuidar de infantes, velhos e doentes está muito desigualmente distribuído entre os outros. É, além disso, um trabalho que pode ser muito duro, cansativo, desconsiderado. E a crueldade inimaginável de um genocida parece relativizar a crueldade banal de todos os dias. E depois tudo parece tão próximo mas também tão distante da Vida quotidiana, presente, familiar. Enquanto não nos toca a nós, na Roda da Fortuna...

Mas pode ler-se Anne Frank, Semprun, Primo Levi, ou Alice Sebold ou John Boyd ou Bernhard Schlink, sem um estremeamento de alma? Ou as notícias das dezenas de 'caixas de enfeitados' que vão surgindo pela Europa?

Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo?

TPB, Junho de 2112